

3.1.3 Reflexões teóricas sobre educação inclusiva: mudanças de paradigmas e expectativas de aprendizagem

Gabriela Vitoria Lourenço Pinto; Angelica Costalunga e José Luiz Germano Martins

Reflexões teóricas sobre educação inclusiva: mudanças de paradigmas e expectativas de aprendizagem

G. V. L. PINTO - Graduação em Pedagogia no Centro Universitário Ítalo Brasileiro (UníItalo).

gabrielavitorialourencopinto@gmail.com

A. COSTALUNGA - Graduação em Pedagogia, Graduanda de psicologia; Pós graduação em educação inclusiva, tecnologias aplicadas à educação; Mestrado em educação social - alfabetização de adultos; Pós graduanda em nutrição esportiva.

angelicacostalunga@yahoo.com.br

J. L. G. MARTINS - Formado em Direito e Administração de empresas no Mackenzie, mestre e doutor em educação na PUC-SP.

germano@documentbrasil.com.br

COMO CITAR O ARTIGO:

PINTO, G. V. L.; COSTALUNGA, A. e MARTINS, J. L. G. **Reflexões teóricas sobre educação inclusiva: mudanças de paradigmas e expectativas de aprendizagem.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.11, n.3, p. 103-124, jul/2021.

RESUMO

Educação inclusiva é um tema amplo, relacionado à inclusão e permanência das pessoas com deficiência nos ambientes escolares, mas que vai além desses alunos, uma vez que é um problema de todos que são de alguma forma excluídos no processo de escolarização. O presente artigo de revisão bibliográfica busca identificar os meios para efetivar a educação inclusiva, com foco nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas, com base em Mantoan (2003) e Macedo (2005). Atender às necessidades da educação inclusiva tem sido um grande desafio, quais são as mudanças necessárias para ressignificar a práxis pedagógica e construir novos hábitos e padrões? As expectativas precisam ser ampliadas para uma formação mais cultural e de historicidade, com um currículo flexível, uma nova organização do tempo e dos componentes curriculares, mudanças coletivas e individuais, necessárias para ressignificar a educação escolar. O tema parte da complexidade que abrange, de desafios que exigem uma mudança em todos os paradigmas escolares, da necessidade da pesquisa para esclarecer equívocos a respeito do assunto e acompanhar as mudanças vividas socialmente. Está dividido em três temas principais: mudança de paradigmas, fundamentos e expectativas de aprendizagem, que apesar de separadas para favorecer a organização, são temas transversais. A mudança pioneira começa em nós, questionando e buscando construir novas perspectivas às

diferenças existentes no meio social, o pedagogo precisa ser respeitado e valorizado, os objetivos escolares ampliados e a práxis ressignificada.

Palavras-chaves: educação, inclusão, expectativas de aprendizagem, escola para todos.

ABSTRACT

Inclusive education is a broad topic, related to the inclusion and permanence of people with disabilities in school environments, but that goes beyond these students, since it is a problem for everyone who is somehow excluded in the schooling process. This bibliographic review article seeks to identify the means to carry out inclusive education, focusing on the early years of elementary education in public schools, based on Mantoan (2003) and Macedo (2005). Attend to the needs of inclusive education has been a great challenge, what are the necessary changes to reframe the pedagogical praxis and build new habits and standards? Expectations need to be extended to a more cultural and historic formation, with a flexible curriculum, a new organization of time and curriculum components, collective and individual changes, necessary to resignify school education. The theme starts from the complexity it encompasses, from challenges that require a change in all school paradigms, from the need for research to clarify misconceptions about the subject and monitor the changes experienced socially. It is divided into three main themes: changing paradigms, fundamentals and expectations of learning, which although separate to favor the organization, are transversal themes. The pioneering change begins in us, questioning and seeking to build new perspectives on the existing differences in the social environment, the educator needs to be respected and valued, school objectives expanded and praxis resignified.

Keywords: education, inclusion, learning expectations, school for all.

Educação inclusiva é um tema amplo, relativamente recente na história da educação, um dos seus marcos é a Declaração Mundial sobre educação para todos, de 1990, na qual busca-se um outro tipo de escola, intitulada educação inclusiva, que deve abrir espaços e tempos, com mais ações socioeducativas, atendendo as necessidades básicas de aprendizagem, que têm sido reduzidas as necessidades mínimas, segundo Libâneo (2012).

A Constituição Federal de 1988, como aponta Mantoan (2003), garante a todos o direito à educação e ao acesso à escola, elege como um dos princípios para o ensino “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (art.206, inciso I).

A educação inclusiva está relacionada à inclusão e permanência das pessoas com deficiência nos ambientes escolares mas, perpassa esses alunos, por tratar da inclusão de todos, que são de alguma forma ou por algum motivo excluídos no processo de escolarização. Atender às necessidades da educação inclusiva tem sido um grande desafio, quais são as mudanças necessárias para ressignificar a práxis pedagógica e construir novos hábitos e padrões?

Esta revisão busca identificar os meios para efetivar a educação inclusiva na educação escolar, com foco nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas, identificar os principais equívocos e ampliar o repertório teórico a respeito da educação inclusiva, que abrange uma educação que é para todos.

A relevância do tema parte da complexidade, dos muitos equívocos a respeito do assunto, os professores sentem-se despreparados para trabalhar com as novas demandas da práxis

inclusiva, sentem-se desafiados a questionar seus próprios métodos e conceitos, ressignificando o trabalho escolar, sem saber ao certo como.

Aprender ler, escrever e resolver cálculos matemáticos, são de suma importância, porém perdem valor quando se tornam os únicos objetivos de aprendizagem, as expectativas precisam ser ampliadas para uma formação mais cultural e de historicidade, tornando essencial o desenvolvimento da autonomia e da criticidade, dentro dos limites de cada um.

A inclusão acontece a partir de ações concretas, as expectativas de aprendizagem da instituição de ensino com relação a esses alunos são essenciais para a realização da inclusão, é insuficiente colocá-los nas salas comuns, simplesmente para cumprir as leis. A sociedade está mudando cada vez mais rápido, a escola para acompanhar os novos desafios necessita de uma mudança, individual e coletiva, que não se restringe aos professores ou gestores, uma mudança estrutural e prática, considerando que já possuímos diversos amparos legais e orientadores.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada como descritiva do tipo revisão bibliográfica, foram incluídas referências de livros e artigos científicos que abordam o tema educação inclusiva e escola para todos, em Mantoan (2003) e Macedo (2005), além de referências complementares

em Libâneo (2012), Aquino (2000) e Paro (2013) em alguns livros e artigos que enriquecem a revisão.

DESENVOLVIMENTO

Mudança de paradigmas

Como descreve Mantoan (2003, p.12), “nosso modelo educacional mostra há algum tempo sinais de esgotamento, e nesse vazio de ideias, que acompanha a crise de paradigmas, é que surge o momento oportuno das transformações”. Sabemos que existem muitos problemas, vemos uma estrutura que resiste à mudanças, em uma sociedade que está em plena transformação, as práticas ainda apresentam uma grande reprodução da educação tradicional, existe uma prática pedagógica subjacente ao que é proposto e falado, os alunos ainda têm sua individualidade muito desrespeitada, são incentivados a não questionar e se manterem passivos diante dos conteúdos estudados. Quando se trata do aluno com deficiência, essa descaracterização do individual se torna mais incisiva, a barreira entre o ensino e a aprendizagem se torna ainda maior.

O papel da escola como mera transmissora de conhecimentos, previamente estabelecidos e descontextualizados, uma visão do aluno como mero receptor passivo desses conhecimentos, ao invés da valorização do ensino cultural, da formação de alunos como sujeitos, torna essa educação simplória, incompreensível e falha, "as causas

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.11, n.3, jul/2021.

desse fracasso são muito variadas [...] mas uma importante causa muito pouco discutida e que parece estar na base de todo o problema do baixo desempenho do ensino é precisamente essa timidez de sua ambição no provimento de cultura" (PARO, 2012, p. 53).

Um dos desafios é a exclusão escolar, que se opõe diretamente à inclusão e vem sendo um problema na educação. Esses alunos excluídos, que saem da escola sem concluir, repetem várias séries, no geral são indisciplinados ou não se encaixam no meio social. Na maioria das vezes, não são alunos com deficiência, isso indica que o desafio não está no aluno com necessidades educacionais especiais, mas no trato com seres humanos que não atendem a único modelo e que não seguem um mesmo padrão, incluindo os professores e gestores, pois conviver com toda a diversidade humana é difícil. “A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber escolar” (MANTOAN, 2003, p. 13).

Partindo desse princípio, a educação inclusiva exige mudanças em todos os âmbitos escolares. Vê-se que muitos educadores ainda na educação infantil começam a “suspeitar” que o aluno possa ter deficiência, a busca por um laudo médico é uma preocupação válida, mas não deve ser a única, é necessário assumir um papel de responsabilidade buscando antes de encaminhar um aluno que está com dificuldades de aprendizagem, investigar as causas possíveis para seu comportamento e suas dificuldades, tanto no contexto pessoal e familiar do aluno quanto na didática utilizada pelo professor e os caminhos que tem seguido no cotidiano escolar para que aconteça o ensino-aprendizagem.

[...] Haverá uma escola de envergadura democrática quando, além do acesso irrestrito (o que se aplica a quaisquer segmentos da população vulneráveis do ponto de vista da discriminação), estiverem garantidas a *permanência* efetiva de todos bem como a imprescindível *excelência* dos serviços prestados - esta última como “estrela-guia” de qualquer prática educativa que se pretenda competente e justa (AQUINO, 2000, p.134).

A inclusão de um aluno vai além da matrícula em uma escola ou classe especial, provocando, assim, desafios por essa inovação, um ressignificar do ensino escolar e seus objetivos, fazendo com que a formação de professores, a efetivação da práxis inclusiva nas salas de aula e as perspectivas sobre educação escolar se ampliem para a implementação dos projetos realmente inclusivos.

Fundamentos para uma educação inclusiva

Mesmo diante da necessidade social da inclusão, mantém-se o objetivo de transmitir para todos, ou ao menos à maioria, os mesmos conhecimentos, espera-se que aprendam os mesmos assuntos, no mesmo tempo, na mesma velocidade, nas mesmas idades, por bimestres, semestres, classes, turmas e componentes curriculares. A partir disso, apresenta-se um desafio estar dentro de todos esses padrões atendendo as necessidades da educação inclusiva. Macedo (2005, p.16):

Não se trata de substituir uma escola organizada pela lógica das semelhanças por uma outra, organizada pela lógica das

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.11, n.3, jul/2021.

diferenças. Talvez isso não dê certo, pois, para o conhecimento, diferenças e semelhanças são, igualmente, fundamentais. A identidade resulta do modo como as combinamos. O desafio atual é relacioná-las de um modo diferente daquele que vimos praticando há tanto tempo, e cujo preço foi a retirada da escola da vida de tantas e tantas crianças.

A escola pública é financiada por políticas públicas, o investimento na educação gera lucros a longo prazo, garantindo mão de obra para o sistema vigente, o conteúdo escolar, os livros didáticos, possuem objetivos explícitos e implícitos que atendem aos interesses do governo vigente. A sociedade luta pelo respeito à diversidade, qualidade de vida e pela inclusão social, as demandas políticas seguem o ritmo capitalista, que privilegia a competição, a cultura meritocrática. Sociedade e política são linhas paralelas, repletas de linhas mais finas que as interligam, é o caso da escola, que precisa atender às questões sociais e às questões políticas.

Enquanto instituição burocrática a escola possui características racionais e hierárquicas, marcada por uma educação mecanicista, focada em formar pessoas funcionais, que atendam as demandas do sistema no qual aprende-se para ganhar, estuda-se para estar na corrida sociopolítica que exige a formação como requisito básico para uma qualidade mínima de subsistência. Para Mantoan:

a lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho

modelo escolar para produzir a reviravolta que a inclusão impõe (2003, p.13).

Para uma práxis verdadeiramente inclusiva é necessário rever toda a organização escolar, o ambiente, a distribuição de tempo, o movimento, a autonomia, o controle, os objetivos e a prática, um local competitivo desvaloriza as conquistas individuais, enaltece apenas alguns vencedores e desconsidera a ação individual em sua singularidade. Para Mantoan (2003), o centro das mudanças necessárias para reorganizar a escola estão centradas no projeto político pedagógico, por ser uma ferramenta de importância vital para que haja realismo e responsabilidade no trajeto traçado nas diretrizes gerais da escola, que deve partir do diagnóstico da demanda para estabelecer seus objetivos e modo de atuação.

Por outro lado, o pedagogo precisa se sentir acolhido em sua categoria e valorizado, Mantoan (2003, p.33) cita com umas das tarefas fundamentais para que ocorra uma mudança na escola: “formar, aprimorar continuamente e valorizar o professor para que tenha condições e estímulo para ensinar a turma toda, sem exclusões e exceções”. O stress e o cansaço refletem diretamente no trabalho, mesmo com vontade de exercer um trabalho melhor, cansado e irritado as chances diminuem, antes de exercer um trabalho de qualidade é necessário ter qualidade de trabalho, a maioria dos professores acumulam cargos, ficando horas na sala de aula, não por escolha mas por necessidade, dificulta esperar só do professor mudanças, sem mudar as condições de trabalho.

Tudo o que conhecemos hoje foi desconhecido um dia e tantas outras coisas continuam fora da nossa sensação de controle. Todo o conhecimento humano é organizado em categorias, semelhanças e diferenças, conhecido e desconhecido, o normal e o diferente, organizamos esse conhecimento para facilitar, o desconhecido é desafiador, uma vez que não sabemos como agir diante daquilo que desconhecemos ou que foge à regra, enquanto o conhecido traz segurança e comodidade, sem tirar-nos da zona de conforto. Como explica Macedo (2005, p.19):

todos necessitamos classificar: a classificação é uma fonte de conhecimento [...] o problema, então, não reside em agrupar as coisas por classes, o problema reside no uso político, nas visões educacionais decorrentes de um raciocínio de classe que cria preconceitos, separa, aliena.

Nós precisamos reconhecer que temos a necessidade do controle, tudo que foge dele nos incomoda; prendemos passarinhos em gaiolas porque preferimos tê-los sob nosso domínio do que permitir que eles sejam livres para apenas ser e, vir até nós quando quiserem e se quiserem, preferimos tê-los do que admirá-los livres em sua natureza; na educação inclusiva, na escola das diferenças, o contexto é o mesmo, a necessidade de controle impede que os alunos sejam quem são, com isso rompe a ideia de respeito e educação responsável, desejar que o outro seja aquilo que queremos e como queremos desrespeita o livre arbítrio e a individualidade, inviabiliza a inclusão.

Expectativas de aprendizagem

Como, de um ponto de vista relacional, nos comportarmos de modo indissociável com uma criança com deficiência, por exemplo? Como não a reduzir aos nossos medos, dificuldades ou preconceitos? Como não a reduzir ao que gostaríamos que fosse, aos nossos anseios e expectativas? Como reconhecê-la por aquilo que é ou que pode ser, nos seus limites que a definem, como aliás, definem qualquer um de nós? (MACEDO, 2005, p. 25).

Pesquisar e conhecer mudanças possíveis para exercer uma educação inclusiva, difere dos desafios práticos do cotidiano, mudar hábitos é sempre um desafio, mudar hábitos coletivos um desafio maior ainda, o ego humano privilegia o saber mais, ter mais, ser mais, enaltece o ter razão, o vencer sempre, o "o problema está no outro". "Uma sociedade que se quer igualitária e democrática necessita aprender a discutir, argumentar, construir coletivamente e aprender formas de consenso e de superação de conflitos"(MACEDO, 2005, p.44), fazendo com que nosso ponto de partida da escola inclusiva seja a mudança, individual e coletiva, que somente acontece por iniciativa própria em buscar evoluir para novos hábitos e padrões positivos.

As expectativas de aprendizagem no trabalho pedagógico são importantes, por tratar do que se espera que o educando possa aprender e do que pode desenvolver, a inclusão acontece a partir de ações concretas, às expectativas de aprendizagem da instituição de ensino com relação a esses alunos são essenciais para a realização da inclusão. Não se trata de depositar no aluno expectativas irreais ou desproporcionais, mas de trabalhar com objetivos flexíveis a curto e

longo prazo, traçar caminhos e conquistas, sempre adequando-se aos novos desafios, ampliando os conhecimentos e as aprendizagens. A escola torna-se excludente quando desconsidera a necessidade de se adequar aos alunos e, espera que os alunos se adequem a ela, esquecendo que nem todos irão atender seus requisitos. Quando se pensa na formação do educando como sujeito, possuidor de historicidade, tem-se aí a inclusão, que proporciona ao aluno construir uma identidade, autonomia e liberdade, dentro das suas condições particulares.

A percepção da realidade é relativa para cada indivíduo, percebemos e interpretamos o mundo de acordo nossas próprias experiências e sentidos, ninguém possui as mesmas vivências, muito menos interpreta-as da mesma maneira. Vivemos de forma individual inseridos em um contexto coletivo, que exige interação com o mundo e tudo que nele há, interação entre algo que é interno e algo externo, mesmo um grupo de pessoas presentes em um mesmo espaço com os mesmos estímulos, apresentará interpretações e observações distintas, individuais.

Nas duas últimas décadas a sociedade tem mudado rápido, consequência principalmente da tecnologia que transformou nosso estilo de vida e de se relacionar, pois rompeu alguns limites com tamanha velocidade das informações e com um conforto e bem estar igualmente inovadores. Como afirma Macedo (2005, p.44): “uma sociedade tecnológica exige domínios múltiplos e sempre aperfeiçoados”. A tecnologia com o passar dos anos vai modificar cada vez mais nossas vidas, exigindo uma adaptação, assim como questionamentos e um

olhar crítico para fazer o melhor uso possível dessas ferramentas poderosas e inovadoras.

No contexto pedagógico, é imprescindível que essa tecnologia esteja presente para além da sala de informática e sala de vídeo, ela precisa ser parte da práxis pedagógica, fazendo uso das tecnologias assistivas, dos celulares e computadores, dos jogos, dos vídeos, aproximando a aprendizagem escolar de algo tão comum e natural para as crianças. Para além do uso dessas ferramentas para lazer e recreação, buscando questionamento e reflexões críticas, sendo sujeitos ativos também no mundo virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atender as necessidades da educação inclusiva tem sido um desafio, as dúvidas acerca do assunto são diversas, o conteúdo teórico é cada vez mais amplo, proporcionando oportunidades de aprender e aprimorar desde que haja iniciativa e estímulo para ir além do superficial. A prática é muito mais complexa, mais rica, diversa e desafiadora, exige mudanças constantes, uma flexibilidade para reconhecer as dificuldades e de adaptar ao contexto, fazendo uso de um pensamento crítico, da escuta ativa, da reflexão e da pesquisa, compreendendo que inclusão não se restringe ao ambiente escolar e que, mesmo quando falamos especificamente da inclusão no contexto escolar, falamos da inclusão social, do reflexo que a escola tem nos sujeitos sociais e que a sociedade tem nos sujeitos escolares.

A inclusão propõe que todos os alunos, cada um em sua individualidade, estejam inclusos no ambiente como um todo, reconhecendo suas capacidades e possibilidades para ampliar o conhecimento e fazer o melhor aproveitamento possível do que o espaço escolar tem para oferecer, formar alunos que sejam sujeitos críticos, oportunizando que se reconheçam em sua história e cultura, assim como a pluralidade de histórias e culturas existentes, respeitando a individualidade e seu impacto no contexto social.

Oposto a inclusão é a exclusão, muitos alunos evadem do ensino escolar ou são expulsos por diversos motivos, é necessário primeiro solucionar o problema da exclusão escolar, questionando com sinceridade porque tantos alunos não terminam os ciclos escolares, porque tantos repetem diversas séries, vandalizam a escola, desrespeitam professores, algo está errado, por algum motivo esses alunos não se sentem parte da escola mas deveriam se sentir.

Ser professor é uma profissão complexa, de responsabilidade, é importante reconhecer isso, assumir esse papel responsável ao compreender o valor da ação pedagógica na vida de cada criança. Além da matrícula na instituição, a permanência do aluno na escola e a excelência de ensino devem ser igualmente garantidas, para isso, o aluno é acolhido pela escola, que busca atender suas necessidades. Sem dúvidas é difícil atender essa demanda, são diversos alunos, de diversos contextos e peculiaridades, por longos anos seguiu-se um único método de ensinar, com alunos selecionados, controlados e obedientes, agora com uma nova realidade no contexto escolar mudanças precisam ser feitas, avaliando e reavaliando as práticas de ensino constantemente.

A educação é humana, é afetuosa e sensível, assim como é racional e lógica, ter equilíbrio entre esses opostos pode ser o caminho para viabilizar a inclusão, igualar a importância do que é igual e o do que é diferente, enriquecendo o currículo escolar. A inclusão não acontece apenas entre professor e aluno, a relação entre todos os profissionais da instituição escolar e a comunidade deve ter como princípio o respeito e a busca pela compreensão das diferenças, de ser, agir e estar, o diálogo como meio para solucionar conflitos, ampliar conhecimentos e fundamentar questões de suma importância para a educação inclusiva, como é o caso da formulação do projeto político pedagógico da escola, que precisa estar alinhado ao contexto escolar e atrelado aos objetivos pretendidos, regularmente analisado para identificar o que está funcionando, o que precisa ser mudado e o que pode melhorar.

A falta de investimentos na escola enquanto instituição fundamental, dificulta o avanço das mudanças, não inviabiliza mas desacelera, sem os recursos e os incentivos adequados, dificulta para a escola atender aos requisitos necessários para ser realmente inclusiva, tanto com relação à infraestrutura quanto no sentido pedagógico. É necessário jornada horária e remuneração adequada, incentivo à realização e participação de formações, distribuição adequada do tempo, promovendo espaços que incentivem o diálogo entre os profissionais da instituição e com outras, e assim, começar acelerar o movimento de mudanças, adequando-se às adaptações e questionamentos necessários para manter-se sempre adiante.

O conhecimento escolar e sua organização, determina sua complexidade, assim como o seu uso prático, a curto e longo prazo, na vida cotidiana. É necessário mudar o currículo, optar por uma proposta

de ensino interdisciplinar, que ressignifica a realidade no conteúdo escolar, ao invés de fragmentá-la. O trabalho interdisciplinar desafia porque no meio escolar tem de haver esforços entre os professores e gestores, funcionários da limpeza e da cozinha, faz-se necessário também um movimento inclusivo, perceber que a ação inclusiva vai além dos alunos com deficiência, pois se não houver diálogo entre os profissionais, automaticamente o conhecimento torna-se fragmentado.

Reproduzimos meios de ensinar que deixaram de ser compatíveis com nossa sociedade, tudo está mudando muito rápido, o avanço tecnológico atinge diretamente nosso estilo de vida, como agimos, pensamos, como nos comunicamos e, enquanto todo esse movimento acontece lá fora, a escola insiste em permanecer a mesma. As expectativas de aprendizagem são fundamentais para a excelência de ensino, direcionam e orientam a práxis pedagógica estabelecendo objetivos flexíveis e contextualizados, individuais e coletivos.

A mudança pioneira deste processo começa em nós, do individual para o coletivo, enquanto seres humanos, sujeitos críticos e professoras(es). Entender a importância do pedagogo, a necessidade de buscar sempre aprender, sem deixar a rotina de trabalho nos colocar no desânimo, na ociosidade ou falta de vontade para aprender e realmente se dedicar ao trabalho realizado, reivindicando qualidade de trabalho e valorização do docente.

O aprofundamento teórico sobre a educação inclusiva permite uma pequena percepção do quão complexa é, mesmo na teoria. Colocar em prática todo esse conhecimento teórico, no cotidiano da escola pública, apresenta-se ainda mais complexo e desafiador, a responsabilidade

necessária inclui reconhecer nossos preconceitos, nossos paradigmas, fazer uma reflexão atenta das nossas práticas para identificar tudo que reproduzimos sem questionar o porquê, reconhecer que a inclusão não é tão simples, é um processo que demanda tempo, paciência, dedicação e carinho.

Por meio da pesquisa foi possível elencar pontos chaves para ressignificar a educação escolar, organizados primeiro pelas mudanças de paradigmas, pioneira para tornar viável a inclusão, depois os fundamentos para uma educação inclusiva que estruturam e orientam a partir dessas mudanças os caminhos possíveis, sendo as expectativas de aprendizagem a última desses três pontos chaves, que são indissociáveis, por serem temas transversais, que apenas funcionam se trabalhados juntos, com consciência, flexibilidade, criticidade, responsabilidade e afeto.

Essa pesquisa é uma, entre muitas das necessárias, para que a educação inclusiva seja efetivada e esclarecida cada vez mais, existe muito a ser pesquisado e compreendido, quanto mais desafios aparecem na prática, mais valia tem o referencial teórico que precisa estar sempre atualizado e ser ampliado para acompanhar a evolução social e humana em constante movimento.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Do cotidiano escolar:** Ensaio sobre a ética e seus avessos. 3. ed. São Paulo: Summus, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **O dualismo perverso da escola pública brasileira:** escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Educação e pesquisa, São Paulo, v.38, p. 13-28, 2012.

MACEDO, L. **Ensaio pedagógico:** como construir uma escola para todos?. Porto Alegre: Artmed, 2005

MANTOAN, M. T. É. **Inclusão escolar** - O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

PARO, V. H. **Educação como exercício do poder:** crítica ao senso comum em educação. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.